

Periferias urbanas e o papel da comunicação periférica no combate à COVID-19

Mariana de Souza Fonseca

Doutoranda em Ciência Política pela Universidade de Brasília. Bolsista Capes INCT/IDDC

Como citar este relatório: Fonseca, Mariana de Souza. “Periferias urbanas e o papel da comunicação periférica no combate à Covid-19”, Relatório de Pesquisa #05 do Repositório de Iniciativas da Sociedade Civil contra a Pandemia do Grupo de Pesquisa Resocie, Universidade de Brasília, Brasília, 04 de janeiro de 2022, disponível em: <http://repositoriomobilizacovid.resocie.org/relatorios-de-pesquisa-do-repositorio/>

Introdução

Este relatório tem como objetivo oferecer um panorama das formas de mobilização nas periferias urbanas coletadas pelo Repositório entre março de 2020 e dezembro de 2021, com enfoque nas ações realizadas *online* por diferentes organizações e movimentos das periferias. Tais iniciativas tiveram como objetivo informar a população, principalmente das periferias, sobre a pandemia e as medidas preventivas. Além disso, as ações também realizavam um tipo de midiativismo (CASTAÑEDA, 2016) ou ativismo digital (VON BÜLOW, *et al*, no prelo), denunciando a sua realidade. Realidade esta em que os governos (federal, estaduais e municipais) negligenciam a proteção social e a garantia de direitos para a população periférica, mesmo em um cenário tão nefasto como o da pandemia.

A pandemia de Covid-19, que está prestes a entrar no seu terceiro ano, é o cenário de uma das maiores tragédias e crimes vivenciados em solo brasileiro. Para além das mais de 600 mil vidas perdidas para a doença – a maioria delas em um momento no qual já existia vacina contra a enfermidade –, resultado das práticas de um governo negacionista, que não soube gerir a crise para preservar a vida das pessoas e garantir a elas proteção social, a pandemia também vai ao encontro das crises política, econômica e social já previamente em curso no país (AVRITZER, 2020; MASCARO, 2020).

Nesse contexto, destacaram-se as ações de inúmeras iniciativas da sociedade civil na tentativa de minorar os impactos da pandemia na vida das pessoas em maior situação de vulnerabilidade. Ao longo do tempo, surgiram iniciativas com foco em diferentes públicos (idosos, população LGBTQIA+, pessoas em situação de rua, moradores de periferias, pessoas portadoras de HIV/Aids, *etc.*); com diferentes repertórios de ação e enquadramentos que conectavam (ou não) os desafios da pandemia com pautas anteriores dos movimentos.

O Repositório de Iniciativas da Sociedade Civil na Pandemia de Covid-19, criado pelo Resocie, tem se dedicado a sistematizar essas diferentes formas de atuação da sociedade civil no contexto da pandemia de Covid-19. Em relatório [anterior](#), Abers e von Bülow (2020) realizaram uma primeira análise das várias mobilizações observadas nas periferias urbanas no início da pandemia. Naquela ocasião, demonstraram a importância e variedade dessas ações inicialmente num contexto no qual as informações passadas pelos governos com relação às medidas preventivas contra a Covid-19 eram pouco inteligíveis para a população das periferias, impraticáveis e, por vezes, contraditórias.



Essas ações demonstram a alta capacidade organizativa das periferias. Desde a possibilidade de transformar organizações previamente existentes¹ (como associações, coletivos, movimentos, *etc.*) para atuarem no combate à pandemia até a criação de novas para essa finalidade². As ações, que tinham como objetivo informar as comunidades e distribuir doações para viabilizar que as pessoas pudessem ficar em casa, tiveram como um de seus resultados uma capacidade de controle da pandemia nos territórios, que, por vezes, chegou a ser maior que nos centros urbanos³.

Este relatório oferece, portanto, uma análise qualitativa das páginas "Comunicação das Periferias" e "Periferias Urbanas Contra o Corona", a qual foi feita mediante análise e sistematização de todas as iniciativas coletadas pelo repositório no período entre março de 2020 e dezembro de 2021. O objetivo é explicitar a variedade de práticas e formas de ação desenvolvidas por diferentes movimentos sociais, coletivos, ou até mesmo novas organizações criadas durante a pandemia. Em especial, as iniciativas realizadas por coletivos de comunicação e/ou cultura das periferias, as quais demonstram que a produção de informação de qualidade e confiável na pandemia foram ações fundamentais. A capacidade de adaptação dos coletivos para abarcar as ações mais diretas, como arrecadação e distribuição de doações, evidencia o potencial, criatividade e resiliência dos atores no contexto pandêmico.

Periferias urbanas: mobilizações Brasil afora

As iniciativas classificadas em "[Periferias Urbanas Contra o Corona](#)" no Repositório são aquelas que foram mobilizadas por pessoas, coletivos, organizações e associações, de maneira local, regional ou nacional, das periferias urbanas. É importante delimitar esta informação, porque várias outras iniciativas, especialmente de arrecadação de alimentos e dinheiro, beneficiaram o público das periferias, mas não foram por ele mobilizadas.

As iniciativas foram de caráter local, regional ou nacional; com foco na arrecadação e distribuição de doações e/ou disseminação e produção de informação confiável; algumas mobilizações iniciaram partindo de organizações e associações já previamente existentes, outras surgiram no contexto da pandemia a partir da iniciativa de moradores. O contexto da pandemia trouxe muitos desafios, mas também revelou a criatividade e resiliência dos atores

¹ Como é o caso da CUFA, Voz das Comunidades(RJ), G10 das Favelas, Nós mulheres das periferias(SP), entre outros.

² Como é o caso do Periferia Viva (MG) e o Projeto Dividir (DF).

³ Disponível em:

<<https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2020/06/paraisopolis-controla-melhor-pandemia-do-que-cidade-de-sao-paulo.html>>



diante do contexto, mobilizando antigos repertórios e criando novos adaptados (ABERS; VON BÜLOW, 2020a; 2020b; ABERS, *et al.*, 2021).

Com relação às iniciativas de caráter nacional, destacam-se: os programas propostos pela CUFA Nacional, replicados em todos os Estados pelas CUFAs regionais, como o [Mães da Favela](#), que distribuiu cestas básicas e vales no valor de R\$100,0 para mães de favelas em todo o Brasil. A opção pela distribuição do valor em dinheiro, e não só da cesta básica, teve como objetivo dar autonomia às chefes de família para decidirem onde seria mais bem aplicado (compra de alimentos, pagamento de contas, aluguel, *etc.*). A CUFA também realizou outras iniciativas, como o *CUFA contra o Virus*, campanha lançada com o objetivo de informar e conscientizar sobre a Covid-19; e o [Alô Social](#), iniciativa que distribuiu chips com acesso ilimitado ao Whatsapp e à internet por seis meses para viabilizar o acesso de vários estudantes às aulas *online*, além de aulas de empreendedorismo da própria CUFA. O objetivo da iniciativa foi democratizar o acesso à comunicação e internet nas mais de 5 mil favelas atendidas pela CUFA.

Outras iniciativas de caráter nacional são aquelas como a do MTST, o [Cozinhas Solidárias](#), que produziu e distribuiu almoços de maneira gratuita em várias periferias do Brasil. A realização desta iniciativa é resultado da parceria estabelecida entre movimentos da cidade e do campo, como o Movimento Sem Terra e a Comissão Pastoral da Terra. Os alimentos produzidos pela reforma agrária foram doados para organizações que atuam com pessoas em situação de vulnerabilidade nas periferias urbanas. Outros exemplos disso, são as doações das cooperativas solidárias ligadas à Concrab/MST que fizeram parceria com a Unisol Brasil⁴ e com a Unicatadores⁵ para doar. Além das cooperativas quilombolas que também realizaram doações de alimentos e da ação "Mãos Solidárias" que já distribuiu toneladas de alimentos produzidos pela reforma agrária popular no Pernambuco⁶, como parte das ações do Periferia Viva.

Além das iniciativas nacionais, o Repositório também registra ações em diferentes estados brasileiros (Amazonas, Distrito Federal, Minas Gerais, Pará, Pernambuco, São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Tocantins). Muitas dessas iniciativas locais e regionais

⁴ Disponível em:

<<https://unicopas.org.br/noticias/cooperativismo-ecosol/trabalhadores-do-campo-e-da-cidade-se-unem-no-combate-a-fome/>>

⁵ Disponível em:

<<https://unicopas.org.br/noticias/cooperativismo-ecosol/campo-e-cidade-aco-es-de-intercooperacao-potencializam-cooperativismo-solidario/>>

⁶ Disponível em:

<<https://www.folhape.com.br/noticias/em-apuracao-ufpe-apoia-campanhas-maos-solidarias-e-periferia-viva/148301/>>



seguiam a linha de ação solidária, visando à captação de recursos, arrecadação e distribuição de doações. É o caso da Rede Brasilândia Solidária e também dos Líderes Comunitários de Paraisópolis (SP). Nesses dois casos, foram ações organizadas por moradores locais: aquela atuou em parceria com representantes da saúde e assistência social; esta, com uma dinâmica organizativa tão ampla que chamou a atenção em diferentes jornais⁷. Outros exemplos nesse sentido são: [Periferia Viva](#) (MG), [Articulação Periferias de Belém contra a Pandemia](#) (PA), [Articulação Recife de Luta](#) (PE) e [Movimenta Caxias](#) (RJ).

Vale destacar que os atores demonstraram sua criatividade e resiliência ao utilizarem os recursos disponíveis, considerando as limitações do contexto pandêmico, para realizar suas ações. Ainda assim, a capacidade rápida de resposta e organização e até mesmo as novidades observadas na pandemia são reflexo de experiências prévias de situações de emergência vividas pelas pessoas na periferia, como é o caso das ações em deslizamento de terra, remoções, enchentes. É sobre essa apropriação e adaptação de repertórios para o meio *online* (VON BÜLOW, 2020) por coletivos que não o tinham como espaço de atuação prioritário que tratarei na seção que segue.

Ativismos digitais na pandemia e a comunicação periférica

Durante a pandemia, a necessidade de isolamento social acelerou um processo que, para alguns, vinha acontecendo a passos lentos: a digitalização do cotidiano. De repente, aulas, reuniões, missas, shows, palestras, audiências, consultas médicas, *etc.*, tudo começou a ser realizado por intermédio de uma tela e um aplicativo de videoconferência ou mídia social. Até mesmo pessoas que tinham pouca ou nenhuma proximidade com as novas tecnologias, com baixo letramento digital, se viram na necessidade de estarem presentes nesse ambiente virtual. Conforme argumenta von Bülow (2020), esse processo de apropriação do digital não significou apenas um momento de aprendizado para muitos, mas também de superação de desafios, realizando coisas que antes pareciam impossíveis.

Essa foi uma realidade para muitos moradores das periferias: ainda que já tivessem contato com o *Whatsapp*, por exemplo, começar a participar de reuniões via aplicativos de videoconferência e de *lives*, no *Facebook* ou *YouTube*, significou a entrada em outro universo

⁷ Ver mais em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/empreendedorsocial/2020/12/prefeito-de-paraisopolis-empodera-moradores-e-vir-a-exemplo-mundial.shtml>>



antes desconhecido. Mesmo que abruptamente, a apropriação dessas tecnologias por parte das pessoas foi o que viabilizou a organização de várias das mobilizações coletadas pelo Repositório, seja em grupos de aplicativos de *Whatsapp* seja no *Facebook*. Além disso, também possibilitou a arrecadação de doações financeiras por meio de sites de [financiamento coletivo](#) e a divulgação de informações.

A comunicação periférica, que é o foco deste Relatório, também foi uma frente de atuação muito intensa nas mobilizações nas periferias, buscando informar as comunidades sobre os riscos do coronavírus. Essas ações, no entanto, não excluem as atividades de arrecadação e não é incomum ver iniciativas que atuam nas duas frentes. Alguns exemplos são: o coletivo [Voz das Comunidades \(RJ\)](#), que produz jornalismo periférico e criou um aplicativo durante a pandemia para veicular informações seguras e com uma linguagem acessível para os moradores das periferias. Também a [Frente Mobilização da Maré \(RJ\)](#), que articulou a criação de um [painel](#) próprio para monitorar os casos e mortes por Covid-19 dentro da favela, já que as informações do governo do Estado nem sempre conseguiam identificar corretamente os dados por território. O [Mapa de Comunicação Popular do Grande Recife](#), criado pela organização Marco Zero (PE), visava dar visibilidade às narrativas periféricas e identificar comunicadores das diferentes periferias do Recife.

O [Periferia em Foco](#) e o [Telas em Movimento Contra Covid](#) (PA) também realizaram ações com o intuito de informar os moradores de seus territórios. A [RUAS](#) (DF), além da informação, propôs uma ação de arrecadação de recursos especificamente para atender aos trabalhadores da área da cultura e comunicação das periferias do Distrito Federal. O [Nós, mulheres da periferia](#) (SP) também atuou na perspectiva de comunicar às pessoas os riscos da doença e contar as histórias de quem teve algum contato com o coronavírus e/ou enfrentou dificuldades nesse contexto.

A maneira como as informações foram passadas para os moradores das periferias também foi resultado de outros processos que ocorreram na pandemia: a adaptação e a diversificação dos repertórios utilizados no meio digital (VON BÜLOW, 2020), especialmente por aquelas iniciativas que anteriormente já utilizavam, em alguma medida, as mídias sociais para fins de comunicação. A diversidade de iniciativas presentes no Repositório – que nem de longe abrangem a totalidade de iniciativas em todo território nacional – deixa evidente os esforços realizados por esses atores para transmitir as informações de maneira segura, objetiva e com linguagem inteligível para o seu público alvo. A adaptação do conteúdo pode ser observada, por exemplo, ao transformar as notícias mais importantes em pequenos podcasts



compartilhados pelo *Whatsapp* e no uso de *lives* para transmitir o conteúdo do jornalismo periférico e realizar debates e rodas de conversa.

Na página "[Comunicação das Periferias](#)" do Repositório é possível observar as diferentes formas pelas quais os coletivos tentaram transmitir informações relacionadas à Covid-19. Chama a atenção, por exemplo, o uso de músicas, como o [Funk do Coronavírus](#), que não só se utilizam de linguagem que se comunica diretamente com o público das periferias, como também são historicamente utilizadas na construção e disseminação de conhecimento nesses territórios (D'ANDREA, 2020). Outras formas foram: o uso de aplicativos; mobilização de *hashtags* nas mídias sociais, como a campanha #CoronaNasPeriferias; rádio comunitária, como a [Jacaré Maluquinho](#); transmissão de jornal *online*; *lives*; publicação de notícias; também observou-se a propagação de *podcasts* que poderiam ser compartilhados via *Whatsapp*, como o [Lugar de Quarentena](#) e o [Pandemia Sem Neurose](#); além da produção de documentários relatando a realidade das periferias nesse contexto, como é o caso do [Interrompemos a Programação \(?\)](#).

Em trabalho anterior (FONSECA, 2021), observamos o uso do humor nos conteúdos produzidos como uma das formas utilizadas para abordar o tema da pandemia na tentativa de aproximar a linguagem do cotidiano. Na ocasião, analisamos os tuítes das *hashtags* #CoronaNasPeriferias e #Covid19NasFavelas:

Chega na @ e manda: me chama de álcool em gel e me usa... #NaquarentenaEu

Me chama de álcool em gel e se esfrega em mim! #Covid19NasFavelas

Daqui a pouco eu vou tomar banho e ir trabalhar e quando chegar lá tenho que tomar outro porque vou estar cagado de medo. Na moral, a parte dos memes é engraçada, mas a realidade nua e crua é de cortar o coração.

(Tuítes de pessoas que usaram as *hashtags* extraídos da amostra coletada entre março e junho de 2020)

Às vezes, os internautas utilizaram imagens como recursos de apoio à mensagem do texto:

Imagem 1 - Tuíte do coletivo Voz das Comunidades

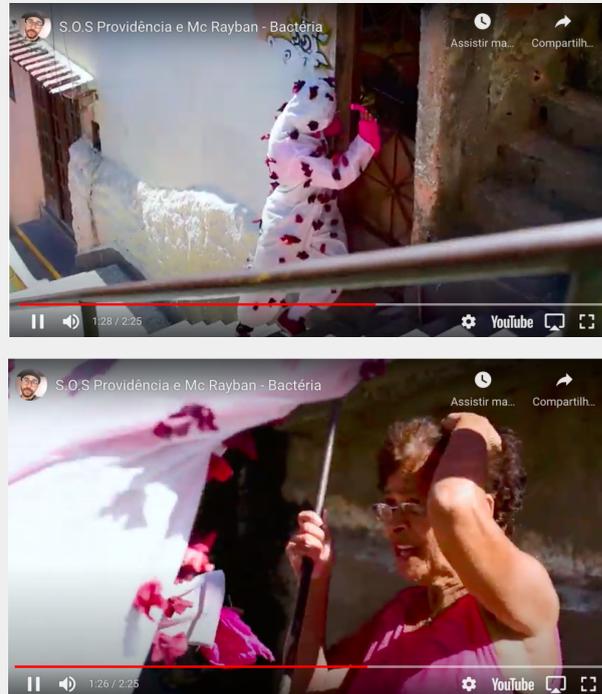




Fonte: tuíte extraído da amostra coletada entre março e junho de 2020.

Também nas iniciativas encontradas no repositório podemos observar o humor sendo utilizado como ferramenta, como nas representações audiovisuais das músicas:

Imagem 2 - Representação do coronavírus sendo “varrido” por uma senhora



Fonte: vídeo da música “S.O.S Providência - Mc Rayban”, divulgada pelo YouTube em 27 de junho de 2020, disponível nesta plataforma e na página Comunicação das Periferias no Repositório.



Além da variação nos repertórios de mobilização *online*, destaca-se também a manutenção de repertórios conhecidos há muito tempo, realizados de maneira *offline*: faixas, panfletos, carros de som, conversas de porta em porta (especialmente no momento de entrega dos alimentos arrecadados). Além disso, os coletivos também participaram da limpeza voluntária das comunidades; elaboraram [propostas](#) (apresentadas publicamente) sobre como fazer o enfrentamento ao coronavírus nos seus territórios; colaboraram no [mapeamento](#) de outras iniciativas; realizaram ou contribuíram para a realização de [coletas de informações](#) sobre a comunidade, como um “censo” das periferias durante a pandemia. Observa-se, portanto, a combinação de repertórios *online* e *offline*, além da criação ou adaptação de novos repertórios frente às limitações impostas pelo contexto pandêmico (ABERS; VON BÜLOW, 2020a; 2020b; ABERS, *et al.*, 2021; VON BÜLOW, 2020).

Uso de hashtags e a produção de conteúdo em mídias sociais

Em meio aos diferentes repertórios mobilizados *online*, chama a atenção a campanha #CoronaNasPeriferias, idealizada por vários coletivos de comunicação das periferias do Brasil todo, com o objetivo de informar as populações das periferias, traduzindo as informações repassadas pelos órgãos oficiais de maneira mais inteligível para esse público. Essa mobilização foi feita majoritariamente por meio do *Twitter*. Os coletivos utilizaram a *hashtag* tanto para informar as comunidades como para denunciar a realidade vivida nos territórios.

As *hashtags* concentram uma quantidade enorme de informação que vai desde a explicação dos riscos da doença e as formas de prevenção, até os relatos do cotidiano das periferias, ações, desafios e a permanência da violação de direitos mesmo num cenário tão desastroso como a pandemia (FONSECA, 2021). Essa forma de atuação em meio digital já foi definida como midiativismo, ou seja, ações realizadas a partir do uso de tecnologias e reprodução de imagens e textos, a fim de criar uma rede de solidariedade e denúncia capaz de disputar as narrativas dominantes (CASTAÑEDA, 2016:1-2).

No mesmo sentido, von Bülow *et al.* (no prelo) definiram o ativismo digital como o conjunto de práticas usadas para promover causas contenciosas, a partir da apropriação e/ou da transformação de tecnologias digitais. No caso em tela, a apropriação fica evidente pelo uso dos aparelhos e das novas tecnologias digitais; pela mobilização de formas de ação *online* já conhecidas— como o uso das *hashtags* para levantar bandeiras, causas e divulgar informação, e utilização de grupos no *Whatsapp* e *Facebook* para organização de ativistas. Por outro lado, a



transformação das tecnologias pode ser observada, por exemplo, na criação do aplicativo Voz das Comunidades, que é uma plataforma própria, criada pelo coletivo e autônoma com relação às mídias sociais. Estas são práticas que podem ser combinadas com outras fora do espaço digital, assim, a internet funciona como espaço para acompanhar e se posicionar sobre pautas em discussão na agenda pública e expor objetivos e crenças. Além de ser importante meio para a construção de narrativas e ressignificação de eventos políticos que acontecem fora dela, construindo uma narrativa propícia para a mobilização dentro e fora das mídias sociais.

As iniciativas que utilizaram as *hashtags* nas mídias sociais para repassar e agregar informações o faziam por meio de vários recursos: *lives*, vídeos, relatos, divulgação de notícias, entre outros. Durante a pandemia, além de informar sobre os riscos e as formas de prevenção, os coletivos também fizeram o sentido contrário: expor para os que "estão de fora" (das periferias) as dificuldades enfrentadas pelos territórios. Assim, nos primeiros meses, abordaram a dificuldade de manter a higienização pela falta de água, materiais de limpeza e saneamento básico; de realizar o distanciamento social em casas pequenas, amontoadas, nas quais moram várias pessoas; depois, o aumento do desemprego e da fome como consequências, caso as pessoas não fossem para o trabalho; as limitações para entreter as crianças e educá-las no ensino remoto; além das recorrentes denúncias de invasões policiais nas casas das pessoas e operações nos territórios periféricos que acabavam acrescentando a violência ao já conturbado cenário da pandemia (FONSECA, 2021).

Tal qual as iniciativas realizadas nas periferias urbanas, outras tiveram como objetivo essa apropriação das tecnologias digitais em prol da informação e da propagação de vozes de resistência e denúncia. É o caso também da atuação de ativistas indígenas (FRANCO; SILVA, 2020; CRUZ, 2021), os quais utilizam o ambiente digital para expor suas interpretações com relação a si, ao outro, ao mundo e contexto em que vivem, assim como passar orientações a outros indígenas que moram distante. Em [outro relatório do Repositório](#), Cruz evidencia o trabalho da APIB, realizado nas diferentes plataformas de mídias sociais, em busca de direitos e da vacinação prioritária para indígenas. Além de denunciar outras formas de violação que colocavam em risco a vida dos povos indígenas, como a invasão de grileiros e garimpeiros em suas terras e os incêndios criminosos.

A formação de uma rede de ativismos – no caso indígena, de compartilhamento de saberes, informações, experiências, denúncias de crimes e invasores – também está presente no caso da comunicação das periferias urbanas. Em outro trabalho (FONSECA, 2021), mostramos como as mobilizações *online* serviram para integrar coletivos de comunicação de periferias de diferentes Estados do país, difundir repertórios de ação e compartilhar experiências. Nesse



sentido, as mídias sociais tiveram papel importante ao viabilizar a aglutinação de lutas e vozes de resistência; ajuda mútua e a construção de uma narrativa alinhada sobre as vivências compartilhadas que os unem e identificam, por meio da conexão criada a partir dos compartilhamentos, repostagens, respostas e marcações em perfis.

O papel da legitimidade da fonte de informação

O papel de informar "os nossos", neste caso as pessoas que estão nas periferias urbanas, com uma linguagem próxima ao seu cotidiano, por parte dos coletivos de comunicação é reflexo da legitimidade construída por esses atores para transmitirem informação para esse público. Na coleta de dados feita para aquela mesma pesquisa⁸, observou-se a centralidade da comunicação periférica para difundir informações; a forma pela qual as pessoas valorizavam o conteúdo produzido pelos "seus", dando a ele mais credibilidade e confiabilidade:

A partir de nós e para nós é que a comunicação deve ser eficaz e contundente em primeiro lugar. Após isso, para os de fora, da forma que nós produzimos. Com a nossa narrativa e protagonismo.

Há profissionais incríveis por aqui!!

#VIDASNASFVELASIMPORTAM

#COVID19NasFavelas

(Tuite de usuário da *hashtag*, extraído da amostra coletada)

O fato de os coletivos serem reconhecidos como fonte legítima para informar sobre e para as periferias faz com que vários moradores das comunidades sigam suas instruções mais que a qualquer outra fonte. Aqueles que têm a capacidade de influenciar o comportamento de outros por meio das publicações em plataformas digitais são chamados de influenciadores digitais. Recuero e Soares (2021) discutem o conceito de influenciadores digitais, afirmando que estes podem ser identificados como usuários muito ativos, com grande visibilidade, capazes de direcionar discussões e afetar posicionamentos sobre determinadas temáticas.

Os autores tipificam cinco categorias de influenciadores digitais, capazes de alcançar legitimidade para passar informações: líderes de opinião – pessoas públicas que influenciam outras em razão de sua reputação social –; influenciadores de conteúdo – podem influenciar outros pelo conteúdo que produzem –; ativistas – usuários, muito ativos e com posição política bem demarcada–; comentaristas – usuários muito ativos que comentam vários tipos de mensagens –; e bots – contas automatizadas que visam propagar conteúdos e indexar temas.

Estes são, para Recuero e Soares, atores reconhecidos por outras pessoas como detentores de algum tipo de legitimidade, que advém da posição política ou social, para

⁸ A base de dados desta pesquisa pode ser encontrada em: <https://doi.org/10.7910/DVN/6IGG09>



disseminar informação. Eles podem ser políticos, jornalistas, celebridades, blogueiros, veículos jornalísticos, entre outros. Embora os atores que realizaram as iniciativas de comunicação das periferias listadas acima possam ser inseridos na categoria ativistas, ou seja, pessoas com posição política demarcada e bem ativos nas mídias sociais, a legitimidade para passar informação como uma "fonte periférica" parece ser construída por algo ainda mais profundo. Isso está relacionado à identificação e pertencimento a esses territórios que implicam vivências semelhantes de territórios que estão entre a precariedade e a potência.

Assim como no caso do ativismo indígena (FRANCO; SILVA, 2020; CRUZ, 2021), as pessoas que confiam na veracidade das informações repassadas pelos midiativistas das periferias parecem fazê-lo também por uma questão de identidade. Ou seja, justamente porque aquelas pessoas também estão inseridas na sua mesma realidade, compreendem seus dilemas e estão repassando informações em uma linguagem apropriada e inteligível, são mais acreditadas e confiáveis do que, por vezes, até mesmo a mídia tradicional.

Comunicação periférica e a desigualdade de acesso à internet

Por fim, vale abordar uma problematização relacionada à disparidade de acesso à internet e à visibilidade alcançada pelos diferentes coletivos. Tanto no momento da coleta de dados para a pesquisa em Fonseca (2021) como para a sistematização de iniciativas no Repositório, observou-se uma maior facilidade de acesso ao conteúdo produzido pelos coletivos do Sudeste, especialmente, e Sul do país. Encontrar as iniciativas no Norte e Nordeste demandaram um esforço maior, ativo, de buscá-las via nossas redes pessoais de contato com ativistas nesses locais.

Ao que parece, isso vem em decorrência de dois movimentos: de um lado, essas são regiões em que as pessoas têm menos acesso à internet: segundo dados do IBGE, em 2018, 79,1% dos domicílios brasileiros tinham acesso à internet, contudo, no Nordeste, esse valor caiu para 69,9% e no Norte, 72,1%, em contraste com os mais de 80% nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste, sendo que daquele total, a maioria acessa a internet somente via dados móveis do celular. Assim, vários dos coletivos e movimentos do Norte e Nordeste sequer tinham contas nas mídias sociais. Por outro lado, os algoritmos das mídias sociais tendem a privilegiar e propagar mais o conteúdo produzido nas regiões Sul, Sudeste e, um pouco menos, Centro-Oeste. Exemplo disso são os dados obtidos por meio da coleta em Fonseca (2021), que mostram que a quantidade de publicações desagregadas por coletivo varia consideravelmente



conforme a região: Voz das Comunidades (RJ), 1034 publicações; RUAS (DF), 183; Periferia em Movimento (SP), 190; Periferia em Foco (PA), 362; Papo Reto (RJ), 187; Agência Mural (SP), 389; Tururu (PE), 21.

As mídias sociais são relevantes porque, além de permitirem a expressão de narrativas diretamente pelo ator, ou seja, sem a mediação de terceiros, como a mídia tradicional, possibilitam que os atores alcancem diferentes públicos e, mesmo aqueles que têm poucos recursos, podem apresentar suas interpretações da realidade e disputar o entendimento sobre ela. Cada indivíduo pode se tornar um produtor de conteúdo, ainda que seja preciso lidar com as limitações impostas pelas plataformas (DIAS, 2017). Contudo, é importante ter em mente que a internet pode ser um instrumento potencialmente democratizador, mas não é em si democrático, pois muitas vezes reproduz desigualdades organizativas já existentes na forma presencial (DIAS, 2017; VON BÜLOW, 2018).

Ao mesmo tempo em que as tecnologias digitais viabilizam várias formas de interação humana, também criam uma barreira digital de exclusão daquelas pessoas que não têm condições de acesso. Além disso, a internet não é totalmente independente e autônoma, visto que está submetida às grandes corporações que a controlam (HINE, 2012 *apud* MODELLI, 2016), assim como é sujeita à interferência de algoritmos que facilitam a formação de bolhas sociais e polarização de opiniões; e suprimem a expressão de opiniões minoritárias (PARISER, 2012; PARRA; POPPI, 2018).

A formação de “bolhas de interesse” (*filter bubbles*), a partir da arquitetura das plataformas, gera um problema para os usuários que não conseguem ver publicações fora daquilo que usualmente se interessam, mas também dificulta que os produtores de conteúdo alcancem pessoas fora dos seus seguidores cativos, como é o caso da comunicação das periferias, em especial aquela produzida em território com menos acesso à internet. Outro efeito dos algoritmos das mídias sociais é a constituição de redes (*network effect*), ou seja, a tendência de fazer redes já conectadas parecerem ainda mais próximas. Com isso, as postagens mais populares – as que atendem mais diretamente aos algoritmos – são mais propensas a receberem interações e reações mais rapidamente, a aparecerem mais e com maior frequência (GERBAUDO, 2018).

A literatura que discute o ativismo digital (VON BÜLOW, *et al.*, no prelo) ressalta a agência ativa e consciente dos atores em dar significado as suas ações, a depender do contexto no qual estão inseridos, mediante a apropriação da infraestrutura da internet e transformação do seu uso conforme suas próprias percepções e interesses. Essa apropriação ainda é, no entanto, assimétrica, variando conforme os objetivos, capacidades tecnológicas, acesso. E é justamente



essa desigualdade nas capacidades de apropriação das tecnologias que implicam em diferentes alcances e possibilidades de mobilização por parte dos ativistas.

Se o potencial democratizador da internet está em viabilizar um meio no qual todos podem se expressar e debater pautas em foco na agenda política – ou levantar questões que estão sendo ignoradas em outras partes – a construção desse espaço, de modo a reproduzir desigualdades já há muito evidenciadas nos limites à participação e ativismos “no presencial”, parece ser um primeiro importante obstáculo a ser superado. Apesar das limitações, é preciso reconhecer a centralidade que as mídias sociais tiveram para a organização e comunicação das iniciativas localizadas nas periferias durante a pandemia, ampliando as possibilidades de colocar os holofotes em questões estruturais que impactaram a capacidade de resposta e prevenção à Covid-19 nos territórios periféricos.

O que precisa ser avaliado daqui para frente é, tal qual apontado em Treré (2019), olhar não apenas para as mobilizações no mundo digital, mas também como essas atividades, atravessadas pelos protocolos técnicos; design; interface; funcionalidades e algoritmos das plataformas, moldam as formas de ativismos. Ou seja, como, a partir das ações e aprendizados no contexto da pandemia, as iniciativas (coletivos, movimentos, organizações, associações, *etc.*) irão reestruturar (ou não) suas dinâmicas e ativismos: as escolhas de plataformas mais favoráveis, as combinações com os ativismos fora delas e os aspectos culturais e digitais implicados nesse tipo de ativismo.

Considerações Finais

O mapeamento das iniciativas contra a pandemia de Covid-19 nas periferias urbanas mostra a pluralidade de iniciativas mobilizadas por todo o território. Algumas dessas iniciativas partiram de organizações previamente existentes, outras se organizaram após o início da pandemia. Apesar de terem como foco central colaborar para o enfrentamento à Covid-19 mediante arrecadação e distribuição de alimentos e itens de higiene, os repertórios de mobilização das iniciativas variam, combinando ações *online* e *offline*, adaptando antigos repertórios e criando novos diante do contexto pandêmico. Isso evidencia a criatividade, potência e resiliência das ações realizadas nas periferias, além da importância de aprendizados anteriores para ampliar sua capacidade de resposta.

Mesmo com todos os desafios, especialmente a diminuição na quantidade de doações ao longo do tempo, grande parte das iniciativas permaneceram por todo o período. No primeiro semestre de 2021, um quadro muito projetado pelos ativistas começou a se apresentar de



maneira ainda mais enfática: a fome. Em razão disso, as mobilizações neste ano concentram-se ainda mais para a captação de recursos e alimentos, na tentativa de minorar os impactos. Contudo, a sobrevivência das pessoas atendidas por essas iniciativas não pode depender de ações tão perenes, exclusivamente dependentes da solidariedade de várias outras pessoas. As iniciativas não são sustentáveis no longo prazo, seria preciso o investimento do poder público nessas ações para ganhar capilaridade e atender bem a todas as pessoas.

As formas de uso e as limitações colocadas pelas mídias sociais – *affordances*, algoritmos e estrutura – precisam ainda ser mais bem compreendidas e apropriadas por parte das iniciativas presentes em periferias em todo Brasil. No contexto pandêmico, ficaram evidentes as potencialidades e variedade de formas pelas quais as iniciativas se organizaram e utilizaram as mídias para se comunicarem. É preciso compreender, portanto, os aprendizados adquiridos neste momento, concatenados com a ampliação do debate de acesso e letramento no uso das mídias sociais, e da internet de modo geral, com a finalidade de potencializar as capacidades midiáticas.

Referências Bibliográficas

ABERS, R.; ROSSI, F.; VON BÜLOW, M. State-society relations in uncertain times: Social movement strategies, ideational contestation and the pandemic in Brazil and Argentina. *International Political Science Review*, Special Issue: The Political Ramifications of Covid-19. v. 00, n. 0, p. 1–17, 2021.

ABERS, R.; VON BÜLOW, M. A sociedade civil das periferias urbanas frente à pandemia (março-julho 2020): Repositório de iniciativas da sociedade civil contra a pandemia. Brasília-DF: Repositório de Iniciativas da Sociedade Civil contra a Pandemia do Grupo de Pesquisa Resocie, Universidade de Brasília, 2020a. Disponível em: <www.resocie.org/relatorios-de-pesquisa-do-repositorio>.

ABERS, R.; VON BÜLOW, M. Agir, interpretar, imaginar: movimentos sociais frente à pandemia. 12o Encontro da Associação Brasileira de Ciência Política (ABCP), 19-23 de outubro de 2020, 2020b.

AVRITZER, L. **Política e antipolítica: a crise do governo Bolsonaro**. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2020.

BRASIL. **De olho na cidadania: perfil dos beneficiários do auxílio emergencial pela Covid-19**. Ministério da Cidadania: Brasília-DF, 2021.

CASTAÑEDA, M. **Midiaticismo: tecnologias, práticas e contextos nas lutas no Rio de Janeiro**. 30a Reunião Brasileira de Antropologia, 2016.

CUFA; DATA FAVELA; LOCOMOTIVA. **Coronavírus nas favelas**. 2020.

CRUZ, A. “Ativismo digital indígena e a campanha #vacinaparente”, Relatório de Pesquisa #04, Repositório de Iniciativas da Sociedade Civil contra a Pandemia, Brasília, 15 de julho de



2021, disponível em: <http://repositoriomobilizacovid.resocie.org/relatorios-de-pesquisa-do-repositorio/>.

D'ANDREA, T. Contribuições para a definição dos conceitos periferia e sujeitas e sujeitos periféricos. **Novos Estudos CEBRAP**, v. 39, p. 19–36, 2020.

DIAS, T. “**É uma batalha de narrativas**”: os enquadramentos da ação coletiva em torno do **impeachment de Dilma Rousseff no Facebook**. Dissertação—Brasília-DF: Universidade de Brasília, 2017.

FRANCO, T.; SILVA, M. Cosmofagia e net-ativismo indígena brasileiro, durante a pandemia da COVID-19. **Chasqui. Revista Latinoamericana de Comunicación**, 145, p. 181-196. 2020.

FONSECA, M. Pega a visão: quadros interpretativos dos coletivos de comunicação das periferias na pandemia de COVID-19. 2021. 160 f., il. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

GALINDO, E. *et al.* **Efeitos da pandemia na alimentação e na situação da segurança alimentar no Brasil**. Food for Justice Working Paper Series, no. 4. Berlin: Food for Justice: Power, Politics, and Food Inequalities in a Bioeconomy. 2020.

GERBAUDO, P. Social media and populism: an elective affinity? **Media, Culture & Society**, v. 40, n. 5, p. 745–753, 2018.

IBARRA, G; VALE, R. **Poverty and food insecurity in Brazil**. In: Poverty GP Notes. World Bank Group, 2021.

IBGE. **Acesso à Internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal –PNAD Contínua 2018 –Análise dos Resultados**. 2018.

MASCARO, A. **Crise e pandemia**. 1. ed. São Paulo-SP: Boitempo, 2020.

MODELLI, L. **Blogs coletivos feministas - um estudo sobre feminismo brasileiro na era das redes sociais na internet**. Dissertação—Bauru-SP: UNESP, 2016.

MORGANDI, M, *et al.* **Auxílio emergencial: lições da experiência brasileira em resposta à Covid-19**. World Bank Group Summary Note, 2021. Disponível em: <<https://documents1.worldbank.org/curated/en/099205012022128987/pdf/P1748360efc96a06e09b020cf56c8465c9b.pdf>>

PARISIER, E. **O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

PARRA, H.; POPPI, R. Governança digital como vetor para uma nova geração de tecnologias de participação social no Brasil. **Liinc Revista**, v. 13, n. 1, p. 223–236, 2017.

RECUERO, R.; SOARES, F. O Discurso Desinformativo sobre a Cura do COVID-19 no Twitter: Estudo de caso. **E-Compós**, 24. 2021.

REDE PENSSAN. **Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil**. 2021.

SANTOS, N.; REIS, L. Movimentos antirracistas nas redes: ativismo e cobertura jornalística em tempos de pandemia, **Série Lavits_Covid19: Pandemia, tecnologia e capitalismo de vigilância**. 2020. Disponível em:



https://lavits.org/lavits_covid19_21-movimentos-antirracistas-nas-redes-ativismo-e-cobertura-jornalistica-em-tempos-de-pandemia/?lang=pt.

TRERÉ, E. **Hybrid media activism: ecologies, imaginaries, algorithms**. Nova Iorque: Routledge, 2019.

VON BÜLOW, M. The survival of leaders and organizations in digital age - lessons from the chilean student movement. **Mobilization: An International Journal**, v. 23, p. 45–64, 2018.

VON BÜLOW, M.; DIAS, T. O ativismo de hashtags contra e a favor do impeachment de Dilma Rousseff. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 120, p. 5–32, 2019.

VON BÜLOW, M; GOBBI, D.; DIAS, T. Ativismo digital: uma agenda para além dos binarismos. No prelo.

